

## Feminização e Pobreza: a nova realidade da epidemia de AIDS

**Lenise Santana Borges**  
**Transas do Corpo**

Nestes 19 anos da epidemia de AIDS muita coisa mudou. Uma das mais notáveis mudanças se relaciona com a diversificação das populações afetadas por ela. No início da epidemia nem mulheres, nem jovens eram reconhecidos como possíveis grupos vulneráveis, afinal a AIDS era tida como doença de gays, e de pessoas promíscuas. Mulheres não apareciam no rol dos possíveis contaminados. Não havia evidência quantitativa e, ademais, elas não eram consideradas seres sexuais. Com o passar do tempo, as evidências epidemiológicas e quantitativas confirmaram que não somente a mulher era vulnerável à AIDS, como também esta vulnerabilidade não obedecia à lógica dos tais grupos de risco. Potencialmente todos, (homens, mulheres, velhos, crianças, jovens, homo, bi, hetero), podiam contrair o vírus.

As evidências numéricas nas mulheres são desastrosas. Os números têm demonstrado não somente a contaminação das mulheres, bem como o seu crescimento. Em matéria recentemente publicada pela revista ISTO É (14/11/01), em 1995 havia 38 cidades com um número maior de mulheres contaminadas, hoje são 160 municípios com mais mulheres contaminadas do que homens, demonstrando que, em alguns pontos do país, as mulheres já lideram as estatísticas. De acordo com a coordenação estadual de DST/AIDS, em 1988, em Goiás, a relação era de 13 casos de AIDS no sexo masculino

para 1 caso feminino. Esta relação baixou para 1:1 (um para um) em 2000. Uma grande escalada. Mas o que é mesmo que estes números nos contam?

Analizados simplesmente do ponto de vista da incidência, é que existe um crescimento numérico e um estreitamento da relação de contaminação. Apesar de importantes, estes números nada nos contam a respeito da realidade social e cultural da AIDS para a mulher brasileira. A evolução dos casos de AIDS em mulheres no Brasil mostra que a contaminação anda de mãos dadas com a pobreza, com a baixa escolaridade e com a falta de autonomia e de empoderamento das mulheres. Nos mostra que a AIDS não pode ser analisada fora de um contexto social, econômico e cultural. Vivemos dentro um modelo de desenvolvimento neoliberal, que produz exclusão e cuja premissa básica é a produção de desigualdades. Neste modelo alguns grupos são mais atingidos que outros. No caso da AIDS, ela atinge predominantemente as camadas mais pobres da população, e cada vez mais mulheres. Outro elemento que o artigo da ISTO É chama atenção é que a contaminação das mulheres se dá preferencialmente através do sexo, sendo que as mesmas contraem o vírus de seus parceiros (usuários de drogas ou bissexuais), demonstrando que nas nossas análises e nas nossas estratégias de intervenção que devemos levar em conta as normas culturais, as relações desiguais entre

homens e mulheres e o lugar de subordinação, especialmente na sexualidade e nas relações íntimas que as mulheres se encontram.

Dentre as várias ações educativas e preventivas que o Grupo Transas do Corpo realiza, pretendemos capacitar em 2002, lideranças femininas para atuarem como multiplicadoras qualificadas no combate à epidemia de AIDS. O projeto visa atingir 25 mulheres vinculadas a organizações e movimentos sociais, no Estado de Goiás.

Companheiros e companheiras,

## O Quarto Ano do Ipê Rosa.

A vida é fundamentada na diversidade dos seres. Entre os humanos isso se manifesta nas raças, nas crenças e na sexualidade, entre outras coisas. Na garantia de um espaço onde as pessoas possam ser o que são, está a felicidade possível para todos.

A Assoc. Ipê Rosa existe a 4 anos. O seu nascimento e luta são frutos de uma reação dos homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais de Goiás. Reação a favor da dignidade e da humanidade plena de todas as pessoas.

A nossa luta não é contra ninguém, mas a favor de todos. Juntos com todas as forças progressistas trabalhamos por um mundo onde a terra seja repartida com justiça, a cidade seja comunidade solidária e a violência coisa do passado. Um mundo assim só existirá com negros, brancos, amarelos, mulheres, homossexuais, lésbicas e índios irmanados no respeito mútuo e no amor verdadeiro.

A Assoc. Ipê Rosa, como a árvore que lhe empresta o nome, floresce quando tudo parece provar que não há mais esperanças.

O nosso campo de ação abarca a política, a religião, a sociedade e a família. Em cada uma dessas dimensões da vida a nossa sexualidade exige poder dizer o seu nome, a sua verdade, como aspecto da beleza do mundo e como expressão do ser inteiro que somos.

A nossa luta é uma luta alegre e vitoriosa porque é a favor da vida. Como o caminho da seiva desconhece a seca e enche os ipês de flores, assim também, um dia, celebraremos a nossa diversidade sem excluir ninguém.